

# A CIDADE DE ÉVORA

BOLETIM DE CULTURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA



II Série • N.º 7 • 2007-2008

## Uma inscrição romana de Évora forjada por André de Resende

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO\*

Publicou E. Hübner, sob o nº 115,<sup>1</sup> uma epígrafe copiada de André de Resende<sup>2</sup>, que a dera como «descoberta juncto a hum edificio destruído por o caminho de Mont-saraz; vulgarmente chamamlhe Meskita». Daí fora transferido o monumento para a praça principal de Évora, onde Pérez Bayer<sup>3</sup> a viu («en la fuente de la plaza», escreveu) em 1782.

Depois de transcrever o texto, de acordo com a leitura que fez («descripsi») no próprio local, onde, ao seu tempo, a pedra ainda se encontrava («ibi extat»), acrescenta de imediato: «genuinam iudicavi», «considerarei-a autêntica». Contudo, tendo submetido o texto à apreciação de Mommsen, este apresenta logo as suas dúvidas: «Vereor ne haec quoque ficta sit [...]», «Receio que também esta seja forjada»; e sugere, de imediato, a relação com uma passagem do autor latino Vegécio (2, 7) em que, mui verosimilmente, Resende se poderia ter inspirado:

«Torquati duplares, torquati simplares, quibus torques aureus solidus virtutis praemium fuit, quem qui meruisset, praeter laudem interdum duplas consequebatur annonas».

Isto é:

«Havia os distinguidos com colares duplos e simples, a quem se atribuiu como prémio um colar de ouro maciço; quem o merecia, de vez em quando, além do louvor, era obsequiado com mantimentos a dobrar».

E prossegue:

«Certe hastatus simpliciter rarissime invenitur (...) soletque fere addi aut priorem posterioremve eum esse aut cohortis indicatio. Praeterea seviri iuniores vix reperiuntur exceptis Mediolanensibus, quos ex Apiano (v. c. 32, 2) et Choleri de eis excursu (Apian. p. XLVI) noverat Resendus».

«Certo é que se torna raríssimo encontrar-se referência a um lanceiro simples (...) e é costume, a maior parte das vezes, acrescentar-se se é o primeiro ou o segundo ou a menção da coorte. Além disso, dificilmente se mencionam sêxviro juniores, à excepção dos de Mediolano (=Milão), de que Resende teve

---

\* Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto

conhecimento através de Apiano (v. c. 32, 2) e pelo relato que deles faz Choler (Apian. P. XLVI).

No suplemento ao CIL (p. 805), Hübner volta ao assunto:

«Titulum falsum esse dudum intellexi, i. e. a Resendio confictum fortasse ad exemplum tituli vol. V 4365. Damnavit eum Mommsenus *Eph. Epig.* IV 1881 p. 238 adn. 2».

Ou seja: «Há muito que percebi que a inscrição era falsa, isto é, forjada por Resende, quicá a exemplo da inscrição n.º 4365 do vol. V» do *Corpus Inscriptio-num Latinarum*. E acrescenta que o próprio Mommsen voltara a debruçar-se sobre o assunto, reiterando a opinião de que se estava perante um monumento forjado.

Quando estudei a epigrafia do *Conventus Pacensis*, incluí-o, pois, entre as inscrições não-autênticas, dando a sua leitura interpretada e a tradução<sup>4</sup>:

D(iis) M(anibus) S(acrum) / C(aio) · ANTONIO · C(aii) · F(ilio) · FLA/  
VINO · VI VIRO (seviro) · IVN(iori) / HAST(ato) · LEG(ionis) · II (secundae)  
· AVG(ustae) · TORQ(uem) /<sup>5</sup> AVR(eum) · ET · AN(nonas) · DVPL(as) · OB ·  
VIRT(utem) / DONATO · IVN(ia) · VERECVN/DA · FLAM(inica) ·  
PERP(etua) MVN(icipii) · EBOR(ensis) / MATER · F(aciendum) · C(uravit) ·

«Consagrado aos deuses Manes. A Gaio António Flavino, filho de Gaio, sêxviro júnior, lanceiro da 2ª Legião Augusta, premiado pela sua valentia com um colar de ouro e soldo dobrado. A mãe, Júnia Verecunda, flamínia perpétua do município eborense, mandou fazer».

E, já agora, demos também conhecimento da versão de André de Resende, que refere esta inscrição para provar que existiu na sua terra natal, Évora, «mais uma flamínica»:

«Sepultura sagrada aos deuses Manes. A C. António Flavino, filho de Gaio, um dos seis varões mancebos, cavaleiro de lança da legião segunda augustal, que pela sua valentia foi premiado de um colar de ouro e soldo dobrado, Júnia Verecunda, flamínica perpétua do município de Évora, sua mãe, lhe mandou fazer esta sepultura».

Frei Bernardo de Brito não poderia deixar de aludir também a este letreiro, no âmbito dos soldados «portugueses» que, ao tempo de Trajano, combateram «nas legiões»:

«Outra memória há em Évora de um soldado português que militou em uma dessas legiões chamada II Augustal, o qual, se não fez tanto serviço à sua pátria, ao menos por concorrer neste e ser valoroso merece que façamos menção dele».<sup>5</sup>

Voltando ao que escrevi acerca desta epígrafe, direi que, em comentário, me limitei a referir, em síntese, os argumentos aduzidos por Hübner e por Mommsen, que – confesso – não aprofundei, por me parecerem suficientemente eloquentes e dentro do que eu próprio conhecia do modo de ‘trabalhar’

de André de Resende. Aliás, por esse mesmo motivo, aquando da minha lição de agregação, a 25 de Junho de 1990,<sup>6</sup> limitei-me a dar sobre o assunto ligeiras achegas mais:

«Do ponto de vista formal, tudo parece correcto. Esperar-se-ia uma ara, mas como há uma forte conotação honorífica no texto...; a molduração profusa não obedece aos cânones estéticos habituais, mas lá está, segundo um eixo de simetria, a consagração aos deuses Manes; a fórmula final F · C ·; os E com as barras iguais... O pior é, de facto, a fraseologia: o uso de abreviaturas e de frases e palavras que são do domínio literário. Para além da circunstância de os sêxviros serem recrutados entre os libertos e Flavino vir identificado como *ingenuus*... E André de Resende teve mesmo o cuidado de mandar esculpir, do lado direito, um jarro (vide fig. 1) e, na face lateral esquerda, uma pátera (fig. 2) – quase à maneira romana, porque o jarro é habitualmente do lado esquerdo e a pátera do lado direito».

Repito: considerei que os dados apresentados eram suficientes para justificar a opinião expressa por Hübner e que eu próprio ratificara. Não é de admirar, portanto, que Farland H. Stanley Jr.<sup>7</sup> tenha voltado ao assunto – até porque desconhecia, naturalmente, os meus textos posteriores – para reclamar a autenticidade da epígrafe, baseando-se, como não podia deixar de ser, no facto de, afinal, todos os argumentos apresentados quer por Hübner quer por Mommsen não terem validade, pois outros exemplos havia do uso dessas expressões.

Começa Farland H. Stanley Jr. por afirmar que a razão fundamental para se considerar falsa a inscrição era o facto de André de Resende ser tido na conta de um falsificador, dando a entender, por isso, que, afinal, todos (Mommsen, Hübner e eu próprio) haviam sido cegamente influenciados, pois nem tudo o que ele reportara seria necessariamente falso. Nunca tal se disse e muitos são os textos dados a conhecer por André de Resende que temos na conta de autênticos.

Mas vejamos, em síntese, o pensamento de Farland H. Stanley Jr., que procura invalidar todos os argumentos esgrimidos até ao presente:<sup>8</sup>

«Se constata que tanto las condecoraciones como los premios con los que ha sido galardonado: *torq(ue) aur(eo) et an(nona) dupl(a) ob virt(utem) donato*,<sup>9</sup> fueron habituales desde finales de la República hasta época severiana, período al que podría corresponder este epígrafe – según documenta V. A. Maxfield<sup>10</sup> se conocen otros casos parecidos; por otro, la especificación *prior* en el grado de *prior hastatus* no es necesaria para indicar el rango de *Antonius Flavinus* como '*prior*' *hastatus*, lo que es suficientemente conocido para no suponerlo una invención. La máxima sospecha radica en la mención del único *sevir iunior* conocido en *Hispania*. Este cargo está relacionado con la celebración de unas antiguas ceremonias ecuestres denominadas *ludi Troiae* y conectadas con los *ludi Saeculares*, con abundante documentación en *Mediolanum*. Es probable que *Flavinus* fuera el magistrado encargado de celebrar los *Troia* en su localidad, reflejo e imitación

de la tradición augústea que estaba siendo recordada por Septimio Severo cuando celebró los *ludi Saeculares* el 204 d. C. Los miembros de la *legio II Augusta*, en la que sirvió *Flavinus*, fueron reclutados tanto en *Hispania* como en *Mediolanum*, donde se atestiguan la mayoría de los *seviri iuniores* conocidos. Finalmente, la dedicante de la piedra, su madre *Iunia Verecunda, flaminica perpetua municipii Eborensis*, estaría dentro del grupo de las nueve sacerdotisas documentadas en *Hispania*, que han sido denominadas *flaminicae perpetuae*, y, por otro lado, no es la única vinculada a festividades ecuestres».

Concordo inteiramente com tudo o que Farland H. Stanley Jr. escreve. Tem total razão: há exemplos de textos epigráficos em que se documentam expressões semelhantes e, até, iguais. Contudo, essa não é a questão! Com efeito, se algum interesse histórico teve o que escrevi, a propósito das inscrições forjadas por André de Resende, foi o de mostrar que o Mestre se servira de textos autênticos – quer epigráficos quer literários – para formar as suas próprias inscrições, dando-lhes um ‘ar’ de perfeitamente autênticas!

Na verdade, o que realmente interessa não é saber da viabilidade de essas expressões aparecerem em textos epigráficos: é o contexto em que a pretensa inscrição é dada a conhecer!

Em primeiro lugar, André de Resende tem o cuidado de dizer que ela aparece fora da cidade, nas ruínas de um lugar a que chamam Mesquita. Trata-se, sem dúvida, do sítio onde actualmente, na estrada de Évora para Reguengos, depois do cruzamento para S. Manços, se encontra o Monte da Mesquita.<sup>11</sup> Interessava que viesse de um sítio ‘estranho’, pouco conhecido, mas cuja nomenclatura e cujos vestígios pudessem dar um ar de certa antiguidade...

Depois, apesar da enorme importância que o humanista lhe atribui, não a refere nas suas *De Antiquitatibus Lusitaniae*, mas sim no texto em que tece os mais amplos louvores a Évora e às suas gentes e ao heroísmo dos Lusitanos nas lutas comandadas por Viriato e por Sertório. De facto, registe-se, esse texto não está só: vem no seguimento da referência a L. Vocónio Paulo, por exemplo, e ninguém duvida hoje de que também esse é um monumento forjado.

Heroísmo dos soldados «portugueses» – como vimos que Frei Bernardo de Brito lhes chama – e notabilidade de Évora, pois, assim, passa a dispor de mais uma flamínia perpétua (como se esse título fosse facilmente atribuído...). E o seu filho tinha que estar, de algum modo, relacionado com a outra flamínia, cujo monumento (esse autêntico) desde muito cedo esteve em Évora: *Flavinus*, obviamente, porque da família de *Flavia Rufina, flaminica provinciae Lusitaniae item coloniae Emeritensis perpetua et municipii Salaciensis* (CIL II 32, IRCP 183). E *Antonius*, pois que, como muito bem viu E. Hübner, *Antonius* fora também o *Quadratus* de CIL V 4365, que lhe dera a inspiração para forjar o monumento.

Por conseguinte, é não apenas o facto de André de Resende, quando queria enaltecer Évora, forjar inscrições de personagens ilustres, mas todo o contexto

encomiástico em que esta epígrafe está envolvida. E, por outro lado, a análise mais pormenorizada do monumento em si, do ponto de vista da sua tipologia, como atrás se disse. Farland H. Stanley Jr. não viu (creio) o monumento nem nenhum dos outros mandados fazer por Resende. Estou em crer que, examinando-o agora com atenção (fig. 4) e comparando-o com outro (CIL II 16\*), cuja autenticidade ninguém advoga – na tipologia, no traçado dos caracteres (fig. 3)... –, facilmente compreenderá as nossas razões.

André de Resende não foi um falsificador qualquer! Tinha os mais amplos conhecimentos quer da literatura latina quer dos monumentos epigráficos de várias regiões do mundo romano, mormente da Hispânia, da Gália e da Península Itálica. Sabia, além disso, que, para as suas teorias valerem mais, precisava de ter por detrás o testemunho inofismável do documento epigráfico. Não havia nenhum? Não hesitava: mandava-o fazer!

E tanto Emílio Hübner como Mommsen tinham razão.

## NOTAS

- <sup>1</sup> HÜBNER, Emílio, *Corpus Inscriptionum Latinarum – II*. Berlim, 1869 e 1892.
- <sup>2</sup> *História da Antiguidade da Cidade de Évora*, in *Obras Portuguesas* (Coleção “Clássicos Sá da Costa”), Lisboa, 1963, p. 28-29.
- <sup>3</sup> D. Francisco Pérez Bayer, arcebispo da catedral de Valência e bibliotecário-mor da Real Biblioteca de Madrid, fez, em 1782, uma viagem de estudo a Portugal, tendo copiado inúmeras inscrições antigas. Do seu relato restam-nos dois manuscritos, um na Biblioteca Nacional (Fundo geral de manuscritos, nº 342) e outro na Biblioteca da Academia das Ciências.
- <sup>4</sup> ENCARNAÇÃO (José d’), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização* (= IRCP), Coimbra, 1984, p. 443.
- <sup>5</sup> BRITO (Frei Bernardo de), *Monarchia Lusytana...*, Lisboa, II, 1609, f. 59 v. A expressão «tanto serviço» alude ao outro soldado de que falara imediatamente antes, L. Vocónio Paulo, também memorado numa inscrição forjada por Resende (CIL II 18\*). Ao tempo de Trajano, esclarece B. de Brito, «houve uma rebelião na Península e vieram legiões, onde se incorporaram muitos Portugueses»...
- <sup>6</sup> Cf. ENCARNAÇÃO (José d’), «Da invenção de inscrições pelo humanista André de Resende», *Biblos*, 67, 1991, p. 177-205, texto que, sob o título «Politicamente falsários», reproduzi in *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra, 1998, p. 29-56 (este excerto está na p. 49). Ver também sobre esta temática: ENCARNAÇÃO (José d’), «André de Resende, epigrafista», *Cataldo & André de Resende – Congresso Internacional do Humanismo Português*, Lisboa, 2002, p. 305-310.
- <sup>7</sup> «CIL II: Observations on the only *sevir iunior* in Roman Spain», *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 102, 1994, p. 226-230.
- <sup>8</sup> Vou servir-me da excelente síntese publicada na *Hispania Epigraphica* (=HEp), de Madrid, nº 6, 1996, sob o nº 1039.
- <sup>9</sup> Por lapso, HEp traz: *an(norum) (nona) dupl(a)*. E cita, na bibliografia, IRCP B quando deveria ser IRCP p. 443.

- <sup>10</sup> Valerie A. Maxfield, *The Military Decorations of the Roman Army*, Berkeley, 1981, p. 248.
- <sup>11</sup> Em IRCP, escrevi «mesquita», dando a entender que poderia ter ali existido algo passível de ser considerado um templo muçulmano; obtive, agora, informações mais correctas: trata-se, efectivamente, de um topónimo muito antigo ainda hoje existente. Mário Saa, citado por Jorge Alarcão (*Roman Portugal*, Warminster, 1988, II (3), nº 6/323) referiu-se ao sítio como Casarão da Mesquita ou Mesquita do Morgado, dando conta do achamento aí de «alicerces, colunas, cerâmica de construção». Francisco Bilou (in *O Sistema Viário Antigo na Região de Évora*, Évora, 2004, p. 89) escreve, por seu turno, em relação a esse Monte: «Perto deste local, junto a um antigo moinho arruinado concentra-se uma importante *villa* romana com abundantes vestígios de estruturas, materiais cerâmicos de tipo comum e de revestimento, silhares e um peso de lagar. Apesar deste excepcional património arqueológico o sítio nunca foi alvo de qualquer estudo científico».



Fig. 1 – O monumento dedicado a C. António Flavino.



Fig. 2 – Outro ângulo do mesmo monumento.



Fig. 3 – O cipo pretensamente dedicado a César (*Divo Iulio*).